

Maria Vilela Pinto Nakasu\*

## O debate entre cultura e metapsicologia na obra freudiana

### Da clínica à cultura

Qual a legitimidade dos textos freudianos sobre a cultura? As teses apresentadas nestes textos são meras divagações de cunho social ou possuem um papel relevante no contexto da elaboração da teoria psicanalítica? Este trabalho se propõe a discutir as relações entre dois domínios importantes da obra de Freud: o domínio teórico e o domínio cultural. Trata-se, primeiramente, de reconhecer a relevância dos textos sobre a cultura e a sociedade no contexto mais amplo da teoria psicanalítica. Para, em seguida, apontar algumas considerações acerca das influências recíprocas entre estes dois domínios do discurso freudiano.

Vamos começar do início e lembrarmos que é na clínica das neuroses que surge a psicanálise. Seu aparecimento remonta às investigações dos determinantes da histeria e dos métodos de seu tratamento. A atenção freudiana esteve voltada para a compreensão da natureza das doenças mentais, bem como das operações psíquicas que justificassem a formação dos sintomas. A partir da observação do comportamento de pacientes neuróticos, influenciado pelos métodos de investigação e de tratamento de Charcot e Berheim, sobretudo de Breuer, Freud redige, em 1895, *Estudos Sobre a Histeria* em conjunto com este último.<sup>1</sup> Nesta obra é apresentada a hipótese de que a sexualidade desempenha um papel fundamental na patogênese da histeria e um método terapêutico baseado na hipnose, o método catártico, que exercerá uma influência significativa na consolidação do método psicanalítico.

A pesquisa da histeria e dos meios para tratá-la conduz Freud a problemas cujas resoluções dependeram do exame dos mecanismos dos fenômenos oníricos. Tal exame apoiou-se nos relatos de sonhos do próprio Freud, assim como em relatos de

---

\* Aluna do doutorado em filosofia da Universidade Federal de São Carlos.

pacientes registrados na clínica. Os processos psíquicos inconscientes são descobertos e Freud demonstra que os mecanismos criadores dos sintomas patológicos encontram-se presentes na vida psíquica normal;<sup>2</sup> o que o leva a postular a existência de um tipo de funcionamento inconsciente comum na produção dos sonhos e das neuroses. Tais descobertas, unidas à retomada de problemas teóricos apresentados no *Projeto de uma Psicologia Científica* (1950[1895])<sup>3</sup>, resultam em *A Interpretação dos Sonhos* (1900). No capítulo VII desta obra, é sistematizada a concepção teórica freudiana do aparelho psíquico e, pela primeira vez, é apresentada a oposição entre processo primário e processo secundário – prefiguração da oposição entre princípio de realidade e princípio de prazer –, e sua concepção do recalque.<sup>4</sup> Os pilares do método psicanalítico são construídos com base nos pressupostos desta teoria. Freud extrai desta obra inaugural um modelo de interpretação que ultrapassa a aceção do método como uma ferramenta de tratamento das neuroses, isto é, essencialmente clínico.<sup>5</sup> A interpretação freudiana dos sonhos serviu como exemplo de aplicação do método psicanalítico para toda a gama de fenômenos psíquicos individuais e coletivos, estendendo-se para a análise dos fenômenos culturais, artísticos e religiosos.<sup>6</sup>

A ampliação das descobertas dos processos psíquicos inconscientes e das operações em jogo na formação das neuroses apresentadas em 1900 ocorre com o exame de alguns comportamentos patológicos da vida quotidiana, como o ato falho e o esquecimento. Em *Psicopatologia da Vida Quotidiana* (1901), Freud demonstra a inexistência de uma diferença fundamental entre o homem neurótico e o homem normal através do paralelismo estabelecido entre os mecanismos em ação nos atos falhos e nos sonhos. Sustenta a tese fundamental de *A Interpretação dos Sonhos* sobre a existência de duas modalidades distintas de funcionamento mental – o processo primário e o processo secundário –, e anuncia a universalidade do determinismo dos processos psíquicos e o domínio permanente do inconsciente sobre a totalidade da vida consciente.

Os trabalhos dedicados aos sonhos e às ações psicopatológicas sugerem que o campo de ação da psicanálise não se limita ao terreno das patologias mentais.<sup>7</sup> A metapsicologia, isto é, as formulações consideradas na sua dimensão mais teórica, embora inicialmente tenha se apoiado nas descobertas provenientes

das observações de pacientes neuróticos, amplia-se a partir das considerações sobre os fenômenos ditos normais. Desde já, observa-se um duplo movimento: por um lado, ela teoriza sobre a natureza última dos processos psíquicos normais e patológicos tal como se apresentam na clínica. Por outro, é repensada a partir do surgimento de problemas colocados pela investigação de fenômenos até então não examinados.

Foco do estudo freudiano publicado em 1905, o chiste é considerado um análogo à satisfação de desejo ilustrada pelo sonho.<sup>8</sup> Dos solos sobre os quais a analogia do sonho é aplicada, a frase de espírito é dotada de uma enorme relevância, pois, diferentemente dos sonhos e dos atos falhos que se esforçam por encobrir o sentido que possuem, o *Witz* destina-se a ser comunicado, "(...) integrando assim na análise a dimensão intersubjetiva característica dos processos culturais".<sup>9</sup> A obra sobre o dito espirituoso introduz definitivamente o fio condutor da estética freudiana:<sup>10</sup> o ponto de vista econômico, ligado à magnitude das forças psíquicas e dos sentimentos de prazer e desprazer. *O Chiste e sua Relação com o Inconsciente* (1905), por esta razão, amplia ainda mais o campo de ação da psicanálise, inaugurando uma nova modalidade de relação entre a metapsicologia e as descobertas freudianas. Ao se debruçar sobre as frases de espírito e concebê-las como produções culturais, Freud estende a investigação psicanalítica até então centrada no indivíduo para a esfera dos fenômenos sociais e de massa. A metapsicologia, com efeito, alonga seu domínio, empenhando-se não somente em elaborar noções e hipóteses sobre os processos psíquicos individuais, mas também se remete às formações coletivas e às representações culturais de maneira geral.

Como nos sugere Ricoeur (1977 [1965]), a alternância entre a investigação médica e a teoria da cultura testemunha a amplitude do projeto freudiano. Se até *A Interpretação dos Sonhos* (1900) a clínica constitui o solo a partir do qual a discussão metapsicológica se situa, com a publicação da obra dedicada aos chistes, a cultura passa a ser considerada um terreno extremamente fecundo para novas descobertas e para o desenvolvimento dos elementos que compõe a metapsicologia. A partir deste momento, as incursões freudianas pela cultura tornam-se ao outro pólo,<sup>11</sup> não menos legítimo, sobre o qual as investigações psicanalíticas se centrarão.

O exemplo do sonho e os princípios extraídos do modelo que o Witz oferece<sup>12</sup> aparecem na série de textos sobre literatura: *Caracteres Psicopáticos no Teatro* (1906) e *O Poeta e a Fantasia* (1907). Freud examina a constituição psíquica dos artistas e os caminhos de suas satisfações pulsionais ao analisar “Gradiva” de W. Jansen (1907) e “Moisés”, de Michelangelo (1914). Até o final da produção freudiana não cessam publicações de obras dedicadas à análise de fenômenos culturais. Resumidamente, estes são os principais textos que se incluem no rol da interpretação psicanalítica da cultura: *Atos Obsessivos e Práticas Religiosas* (1907), que examina as semelhanças entre neurose e religião;<sup>13</sup> *A Moral Sexual Civilizada e o Nervosismo Moderno* (1908), que discute o caráter social da repressão e o antagonismo entre cultura e vida pulsional;<sup>14</sup> *Totem e Tabu* (1913), inaugurando a teoria do fundamento do social e da cultura, e fornecendo uma explicação global da origem da sociedade e da religião com base nas descobertas psicanalíticas<sup>15</sup>; *Considerações de Atualidade sobre a Guerra e a Morte* (1915),<sup>16</sup> obra na qual o autor expõe suas opiniões imediatas sobre a Primeira Guerra Mundial. Neste último texto, ele estuda a desilusão provocada pela guerra e a atitude do homem frente à morte. A questão da agressividade que, mais tarde, será tida como exteriorização da pulsão de morte também é foco de seu interesse. *Psicologia das Massas e Análise do Ego* (1921) apresenta os mecanismos de funcionamento do social e aponta o caminho que vai da análise do indivíduo para a compreensão da sociedade;<sup>17</sup> *Futuro de uma Ilusão* (1927) retoma o tema da religião e de assuntos que não se restringem à fé e à crença, tais como a relação entre natureza e cultura e o sistema de coerções que a civilização impõe aos homens para favorecer a renúncia pulsional;<sup>18</sup> *O Mal-Estar na Civilização* (1930 [1929])<sup>19</sup> mostra que a reconciliação entre as exigências pulsionais e as imposições da cultura é bastante problemática e implica em inúmeras renúncias da libido.<sup>20</sup> O texto focaliza a questão do sentido do desenvolvimento cultural, procurando salientar o combate entre Eros e a morte, entre a pulsão de vida e a pulsão de destruição.<sup>21</sup> *O Por que a Guerra?* (1933) retoma as premissas de *O Mal-Estar* – o tema da pulsão de destruição, em especial – e desenvolve a concepção freudiana de cultura como “processo”.<sup>22</sup> Finalmente, *Moisés e a Religião Monoteísta* (1939 [1934-38]) discute um problema até então implícito no pensamento

de Freud, mas que ainda não havia sido abordado diretamente: o do nascimento das religiões monoteístas que propiciou à civilização ocidental sua fisionomia e suas características específicas.<sup>23</sup> Freud pauta-se na verdade histórica da religião, da história de Moisés, para investigar a especificidade do monoteísmo judaico; um monoteísmo que, através de eras, é capaz de induzir ao sentimento de participação em grupo, mesmo na ausência de vestígio de prática religiosa.<sup>24</sup>

Nas *Conferências de Introdução à Psicanálise* (1917), Freud comenta que a psicanálise caracteriza-se como ciência pela técnica com que trabalha e não pelo material que trata. Sem violentar sua natureza, é possível aplicá-la tanto à história da cultura, à ciência da religião, à mitologia, como à doutrina das neuroses. Esta não se propõe nem alcança outra coisa que descobrir o inconsciente da vida da alma.<sup>25</sup> Na opinião de Peter Gay (1995 [1988]), a situação analítica oferecia a Freud uma oportunidade para gerar e verificar suas hipóteses, sendo uma fonte inesgotável de informações e ponto para muitas partidas. Porém, ao contrário da maioria dos psicanalistas que o sucederam, Freud considerava todas as suas investigações analíticas instrutivas e igualmente importantes. Reconhecia que reconstruir as origens da civilização a partir de materiais escassos e especulativos era totalmente diferente de avaliar dados clínicos, mas nunca se sentiu constrangido, nem achou que devesse se desculpar por invadir, com os instrumentos psicanalíticos nas mãos, os domínios da arte, da política ou da pré-história. O que permite transitar entre os domínios da clínica e da cultura é o conjunto de modelos conceituais aos quais se apóia, que fundamenta não somente os fenômenos clínicos como também aqueles provenientes da cultura de modo geral. No pós-escrito de sua autobiografia, o autor especifica a natureza comum dos processos que poderiam ser encontrados nestes dois domínios: “Os acontecimentos da história humana, as ações recíprocas {*Wechselwirkung*} entre a natureza humana, o desenvolvimento cultural e aqueles precipitados de vivências dos tempos primordiais (cujo exemplo mais proeminente é a religião), não eram senão o espelhamento dos conflitos dinâmicos entre o ego, o id e o superego, que a psicanálise havia estudado no indivíduo: os mesmos processos repetidos em um cenário mais vasto”.<sup>26</sup>

A teoria psicanalítica foi construída a partir da observação de dados empíricos provenientes do domínio da clínica. Neste processo, Freud elaborou a metapsicologia, isto é, a dimensão mais teórica da psicanálise, responsável pela edificação dos princípios e modelos teóricos psicanalíticos.<sup>27</sup> Em *Escrever a Clínica* (1998), encontra-se uma escala proposta por Robert Waelder para responder questões epistemológicas na psicanálise que nos permite compreender mais claramente os níveis de abstração existentes entre os dados da observação clínica e as concepções filosóficas gerais da psicanálise.<sup>28</sup> De acordo com esta escala haveriam seis níveis distintos de abstração: os dados da observação clínica; as interpretações clínicas; as construções para o caso; a teoria clínica; a metapsicologia; e as concepções filosóficas gerais. O quinto nível de abstração na escala, a metapsicologia, definiria os conceitos básicos e fundamentais da psicanálise, as grandes classes de objetos psíquicos e as modalidades básicas de relações entre eles. Por exemplo, entre a pulsão e a defesa existiria o conflito, que seria uma composição metapsicológica. Os conceitos metapsicológicos são considerados como a condição de possibilidade para que a teoria clínica possa ser pensada, e as concepções filosóficas estariam, por sua vez, latentes em tais conceitos.

A clínica tem sido considerada – além do campo inaugural do trabalho freudiano – o solo, por excelência, sobre o qual se originam os conceitos metapsicológicos, e a teoria da cultura um domínio menos legítimo e até uma extensão da psicanálise. Contudo, este breve percurso visou demonstrar que, do mesmo modo que a clínica reside no solo sobre o qual os conceitos metapsicológicos se desenvolvem, a cultura é um terreno fértil para a ampliação da metapsicologia, promovendo transformações não menos significativas. A investigação da cultura introduzida pelo estudo dos chistes, bem como as demais formulações voltadas à elucidação das representações sociais, atestam o alcance do projeto metapsicológico de Freud. Tal projeto não se limita à explicação da natureza dos fenômenos individuais neuróticos, nem tampouco daqueles considerados normais, mas estabelece a sua concepção da sociedade e das produções culturais. Do mesmo modo que a clínica, a cultura constitui um solo extremamente fértil para a geração e a verificação de hipóteses, constituindo, assim, um campo de estudo

de extrema relevância para o desenvolvimento dos elementos que compõem a metapsicologia.

Este campo de discussão das relações entre metapsicologia e concepção freudiana da cultura pode, no entanto, ser desdobrado em outros dois: o que debate as determinações da metapsicologia para a teoria cultural de Freud, e o que examina as contribuições do percurso freudiano pela cultura para o desenvolvimento da metapsicologia.

### **Da metapsicologia para a concepção freudiana de cultura**

Vejamos quem são e o que propõem dois dos comentadores freudianos que podem ser inseridos no eixo de discussão acerca das determinações da metapsicologia para a concepção freudiana de cultura. Em *Notas sobre a Relação entre Cultura e Metapsicologia* (1997), Gabbi Jr. sustenta que as reflexões sobre a cultura são conseqüências de algumas teses adotadas pela metapsicologia. São apresentadas possíveis implicações de certas proposições básicas da teoria para as considerações sobre a sociedade, como, por exemplo, as conseqüências da idéia de representação sexual para a teoria social freudiana. Neste caso específico, o autor considera que, uma vez que as representações sexuais possuem a propriedade única de serem mais intensas que as sensações que as originaram, elas estarão inevitavelmente condenadas a serem reprimidas. Sempre haverá uma parcela das representações sexuais que não se associará às representações de palavra. A idéia de que o sexual apresenta-se, apenas fragmentariamente, como um compromisso teria influenciado a teoria social de Freud da seguinte maneira: “Esta – a teoria social – é compelida a pensar que o ser humano não pode nunca ser totalmente assimilado pela cultura, dado que ele só o seria se fosse possível nomear de forma exaustiva o sexual (...) A natureza da sexualidade impõe que sempre exista um resíduo inassimilável. Por conseguinte, toda forma de organização social é incompatível com a felicidade humana, pois todas elas estão condenadas a deixar permanentemente insatisfeito um resíduo de interesse individual irredutível a interesses coletivos”.<sup>29</sup>

Ao analisar a obra freudiana em *Da interpretação, um ensaio sobre Freud*, Paul Ricoeur (1977 [1965]) admite que se, por um lado, é amplo o campo de aplicação da psicanálise, por outro, o ângulo de visão é determinado pela metapsicologia através do ponto de vista tópico-econômico. As considerações psicanalíticas sobre a arte, a moral e a religião seriam estabelecidas pelo modelo do sonho que fornece o primeiro termo de uma seqüência de análogos, passível de ser estendido, do onírico ao sublime.<sup>30</sup> Com a passagem para a segunda tópica, a interpretação da cultura deixa de ser considerada por Ricoeur uma cópia do modelo da interpretação dos sonhos, impondo mudanças a esse modelo. A chave estaria em *Além do Princípio de Prazer* (1920), que teria tornado o problema da cultura um problema solidário com a pulsão de morte e com a reinterpretação da libido como Eros, face à morte. Entre Eros e a Morte “(...) a cultura representará o mais vasto teatro da “luta dos gigantes”, conclui o comentador.<sup>31</sup> Ao demonstrar de que maneira o desenvolvimento do arcabouço conceitual psicanalítico transforma a interpretação dos fatos culturais, a concepção ricoeuriana mostra-se partidária da posição que admite as determinações da metapsicologia para a teoria da cultura.<sup>32</sup>

*Freud, Pensador da Cultura* (1997[1985]) discute minuciosamente a gênese das idéias freudianas sobre a cultura assim como seus alcances e limites. Além de partir da dimensão filosófica para analisar a totalidade da obra freudiana, este estudo parte da dimensão clínica – em consonância com a auto-analítica –, e igualmente da dimensão cultural.<sup>33</sup> Em seu estudo, Mezan (1997 [1985]) analisa a dupla face da crítica freudiana da cultura. Por um lado, considera que a análise freudiana dos problemas culturais se inscreve na psicanálise enquanto ilustração de suas teses e, por outro lado, se inscreve enquanto “(...) contribuição especificamente psicanalítica à compreensão das várias esferas em que se desenvolve o fazer humano”.<sup>34</sup> Segundo ele, o desenvolvimento da metapsicologia é correlato ao desenvolvimento da teoria da cultura em Freud e, em sua investigação, o autor toca em todos os pontos da teoria freudiana. Em algumas passagens da obra identificam-se, com clareza, os desdobramentos da teorização psicanalítica nos textos culturais. *Psicologia coletiva e análise do ego* (1921) figura um exemplo, neste sentido. Trata-se de um texto imediatamente posterior à reflexão sobre a morte em *Além do princípio do prazer* (1920),



e justifica-se pelo fato de Freud ter sido levado a buscar, no nível social, um exemplo da atuação das pulsões. “É como se – Freud – quisesse pôr à prova a operacionalidade da nova teoria e, diante das dificuldades de encontrar expressões suficientemente nítidas das pulsões de morte, se voltasse para o outro pólo, tentando reunir sob esta rubrica fenômenos até então não abordados pelo prisma propriamente psicanalítico”. É na noção de ambivalência que a dupla face das pulsões encontraria uma expressão adequada.

### Da concepção freudiana de cultura para a metapsicologia

Vimos que em *Notas sobre a Relação entre Cultura e Metapsicologia* (1997) Gabbi Jr. aborda a metapsicologia como um referencial teórico que fundamenta a concepção psicanalítica dos fenômenos culturais. Contudo, em *A Origem da Moral em Psicanálise* (1991), o mesmo autor examina o movimento inverso – que vai da teoria freudiana da cultura para a metapsicologia –, considerando esta última um conjunto de conceitos que se alimenta e se modifica com o próprio desenvolvimento da teoria cultural de Freud. Gabbi Jr. (1991) sustenta que o conjunto dos quatro artigos de *Totem e Tabu* (1913[1912-13]) procura resolver inúmeras questões deixadas em aberto após o abandono da teoria da sedução. A obra cultural freudiana, em sua opinião, forneceria novos elementos que resultariam no desenvolvimento da metapsicologia e, por esta razão, poderia ser lida como uma continuação do capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos* (1900). “Aqui desenvolveremos a tese de que estamos diante de uma obra metapsicológica que procura responder uma questão fundamental da investigação psicanalítica: o que organiza as representações no interior do aparelho psíquico?”.<sup>35</sup> Gabbi Jr. argumenta que, com o abandono da teoria da sedução, Freud não tinha mais como explicar a forma pela qual as pessoas selecionam os elementos a sua volta, de modo a torná-los significativos. Pensar a origem dos sintomas, não mais em termos de uma cena originária na qual haveria uma sedução, mas em termos de fantasia, teria conduzido-o ao problema do Complexo de Édipo – já que a fantasia seria decorrente desta estrutura universal. Porém, acerca de tal complexo, até o início da redação de *Totem e Tabu*, não tinha

sido feita ainda nenhuma tentativa de justificar sua existência. “*Totem e Tabu* pode ser descrito, portanto, como a tentativa freudiana de recorrer à hipótese filogenética com o objetivo de construir uma série de estruturas *a priori*”, argumenta ele.<sup>36</sup> *A Origem da Moral em Psicanálise* (1991), portanto, argumenta em favor da idéia de que *Totem e Tabu* (1913 [1912-13]) permite a Freud justificar a universalidade do Complexo de Édipo a partir das hipóteses filogenéticas, favorecendo, com isso, não apenas o desenvolvimento da teoria das neuroses – que estava prejudicada após o abandono da teoria da sedução –, mas dos fundamentos mais gerais da psicanálise.

*Freud, Pensador da Cultura* (1997 [1985]) é referência para o campo dos comentadores que consideram a concepção freudiana da cultura a ilustração das teses psicanalíticas, mas também para aqueles que investigam as contribuições da análise psicanalítica da cultura para a metapsicologia.<sup>37</sup> São inúmeros os trechos nos quais Mezan sustenta a idéia de que a empreitada de Freud no domínio da cultura resultou em mudanças no desenvolvimento de importantes conceitos metapsicológicos. Vejamos alguns destes trechos, começando por uma questão que o autor introduz em sua leitura de *Totem e Tabu* (1913 [1912-13]) e que exprime com justeza sua opinião: “*Totem e Tabu* deve ser lido como um livro não de etnologia, mas de psicanálise e é lícito perguntar em que ele contribuiu para o avanço teórico desta última disciplina”.<sup>38</sup> Em outro trecho de *Freud, Pensador da Cultura* (1985 [1997]), Mezan afirma que Freud, em *Além do Princípio do Prazer* (1920), busca do lado da biologia as manifestações da pulsão de morte – presentes nos protozoários, na vesícula de substância viva, etc. Contudo, esta direção teria sido substituída por outra, a saber, “(...) a que vem mais uma vez assinalar quão indissolúvelmente estão ligadas a análise da cultura e a elaboração psicanalítica: progressivamente o espaço de manifestação da pulsão de morte será identificado na esfera da civilização”.<sup>39</sup>

Em suma, Freud era muito mais que um psicanalista, que um clínico. Certamente, a atenção dos analistas recai sobre os textos psicopatológicos que tratam das neuroses, das psicoses e perversões. Diga-se de passagem, parece ser a prática clínica do dia-a-dia que mantém a psicanálise viva – apoiada em Freud e de todo o rol de psicanalistas pós-freudianos. Não é casual, portanto, o fato dos textos metapsicológicos e, sobretudo, dos

textos culturais serem considerados “menos psicanalíticos”, divagações metafísicas ou meras aplicações psicanalíticas na esfera social. Todavia, a obra freudiana extrapola em muito a clínica psicanalítica. Freud pensou a arte, a religião, os fenômenos de massa, a pré-história da humanidade e a guerra com o mesmo rigor que pensou o masoquismo, a angústia, a transferência ou o *setting* psicanalítico. A psicanálise é, a um só tempo, um método de tratamento e uma teoria sobre o funcionamento psíquico em suas dimensões patológicas e normais. Porém, o homem em Freud é o homem inserido num contexto social, na relação com o pai, com a mãe, com os irmãos, os professores, com os valores morais vigentes e assim por diante. A leitura dos textos culturais nos permite compreender que o social é o palco para a compreensão do homem freudiano, bem como de seu aparelho psíquico entendido na sua dimensão mais teórica.

### Resumo

A reflexão freudiana sobre a cultura pertence plenamente ao campo da investigação psicanalítica, tanto quanto as neuroses ou os fatos do psiquismo individual normal. Partindo-se desta premissa, este trabalho propõe-se a analisar as recíprocas relações entre a teoria freudiana da cultura e o arsenal teórico psicanalítico.

### Abstract

The Freudian thinking on culture fully belongs to psychoanalytic investigative fields as the neurosis or the normal facts of individual psyche. Starting from this premissa, this paper aims at analyzing the reciprocal relations between the Freudian theory on culture and the metapsychology.

### Notas

<sup>1</sup> Na verdade, Breuer não elaborou propriamente um método terapêutico, esteve atento aos efeitos propiciados pela descrição dos traumas após o tratamento de Anna O. O método catártico foi uma construção conjunta de Freud e Breuer. S. Freud, *Estudos sobre a histeria* (1893-95), vol. I, 1989. A

edição Argentina da obra de Freud será designada pela sigla AE e o volume será abreviado pelo número em algarismo romano que virá após a sigla.

- <sup>2</sup> A demonstração da semelhança estrutural entre os sonhos e os sintomas neuróticos foi esboçada no *Projeto de uma Psicologia Científica* (1950[1895]), AE I, 1989.
- <sup>3</sup> Freud deixa de lado, segundo Strachey, as explicações de base neurofisiológica. *A Interpretação dos Sonhos* (1900), AE IV e V, 1989. Nota do tradutor.
- <sup>4</sup> E. Roudinesco e M. Plon, *Dicionário de Psicanálise* [1997], Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- <sup>5</sup> O sentido do conceito psicanalítico de interpretação foi examinado na dissertação de mestrado, de minha autoria, intitulada *O Sentido e o Lugar da Interpretação na Clínica Freudiana* – desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos, e financiada pela FAPESP – processo n. 99/10314-3.
- <sup>6</sup> J. Laplanche e J. B. Pontalis [1967], *Vocabulário da Psicanálise*, São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- <sup>7</sup> Roudinesco e Plon (1998[1997]), *op. cit.*
- <sup>8</sup> Para Ricoeur (1977[1965]), o sonho é o modelo exemplar e apto a transposição em análogos culturais porque é portador de um sentido e seu pensamento assemelha-se ao pensamento da vigília. O desejo expresso no sonho é um desejo infantil. No sonho, há a regressão do aparelho psíquico em três sentidos: no sentido cronológico, o retorno à imagem; no sentido tópico, o retorno à infância; e segundo o tipo de satisfação alucinatória denominado processo primário, de retorno ao curto circuito de desejo e de prazer. O fenômeno da regressão nos possibilitaria compreender essa tríplice articulação. Desde já, diz Ricoeur “(...) podemos caracterizar a interpretação analógica não somente como decodificação, como luta contra as máscaras, mas como revelação dos arcaísmos de qualquer espécie (...) Em suma, o sonho nos possibilita elaborar a língua do desejo, isto é, uma arquitetônica da função simbólica, naquilo que ela tem de típico, de universal”. p.140. O sonho é paradigmático, pois ele representa a universalidade dos símbolos – da sexualidade – e, conseqüentemente, os pilares do folclore e da mitologia. A generalização do modelo onírico não é todavia uma repetição monótona desse modelo. “Cada um dos traços que lembramos exige ser extraído da particularidade *noturna* do sonho”, conclui. Idem. P. Ricoeur (1965), *Da Interpretação: Ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- <sup>9</sup> R. Mezan, *Freud, Pensador da Cultura*, São Paulo: Brasiliense, (1997[1985]), p. 222.

- <sup>10</sup> Definitivamente, pois, como nos lembra Mezan (1997[1985]), a primeira análise psicanalítica de um fenômeno cultural está na obra dedicada aos sonhos, na passagem sobre o Édipo-Rei de Sófocles e no comentário seguinte sobre *Hamlet*.
- <sup>11</sup> O outro pólo em relação ao pólo da clínica psicanalítica.
- <sup>12</sup> Um modelo que consiste em uma engenhosa elaboração de conteúdos reprimidos: busca revelar as representações reprimidas – representações aludidas indiretamente pelo conteúdo manifesto – estabelecendo o balanço em termos de prazer-desprazer do autor e do destinatário da obra de arte. Segundo Mezan (1997[1985]), isto permite “(...) por um lado, à fruição da obra por parte do destinatário – como se se estabelecesse uma espécie de comunicação cifrada de inconsciente a inconsciente – mas, por outro, torna possível a reconstrução do processo criativo a partir da emoção sentida pelo espectador, o que funda a validade do método de interpretação, mesmo na ausência das associações do autor, e sugere, por uma rede de indícios convergentes, o sentido da obra em questão”. Mezan (1997[1985]), *op. cit.*, p.229.
- <sup>13</sup> S. Freud, *Atos Obsessivos e Práticas Religiosas* (1908), AE IX, 1989.
- <sup>14</sup> S. Freud, *A Moral Sexual Civilizada e o Nervosismo Moderno* (1908), AE IX, 1989.
- <sup>15</sup> S. Freud, *Totem e Tabu* (1913[1912-13]), AE XIII, 1989.
- <sup>16</sup> S. Freud, *Considerações de Atualidade sobre a Guerra e a Morte* (1915), AE XIV, 1989.
- <sup>17</sup> Este texto questiona a oposição entre psicologia individual e psicologia social e interroga sobre a natureza dos elos libidinais que caracterizam um grupo. S. Freud, *Psicologia das Massas e Análise do Ego* (1921), AE XVIII, 1989.
- <sup>18</sup> S. Freud, *Futuro de uma Ilusão*, (1927), AE XXI, 1989.
- <sup>19</sup> S. Freud, *Mal-Estar na Civilização* (1930[1929]), AE XXI, 1989.
- <sup>20</sup> O exame freudiano da religião em *O Futuro de uma ilusão* é estendido, aqui, à cultura em geral. Eis o que diz Marcuse (1968) em relação a esta concepção freudiana: “Se tivessem liberdade de perseguir seus objetivos naturais, os instintos básicos do homem seriam incompatíveis com toda associação e preservação duradoura: destruiriam até aquilo a que se unem ou em que se conjugam. O Eros incontrolável é tão funesto quanto sua réplica fatal, o instinto de morte. Sua força destrutiva deriva do fato deles lutarem por uma gratificação que a cultura não pode consentir: a gratificação como tal e como um fim em si mesma, a qualquer momento. Portanto, os instintos tem de ser desviados de seus objetivos, inibidos em seus anseios.

A civilização começa quando o objetivo primário – isto é, a satisfação integral de necessidades – é abandonado”. H. Marcuse, *Eros e Civilização*, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968, p.33.

- <sup>21</sup> Freud supõe que a cultura inibe a agressividade voltando-a contra o ego ou internalizando-a como consciência moral, como superego; espécie de vigia da agressividade e responsável pela produção do sentimento de culpa. Se alguém matar o pai ou se abster do crime, comenta Freud, se sentirá culpado de qualquer forma, pois um grau intenso de ambivalência gera, inevitavelmente, o sentimento de culpa – expressão do conflito de ambivalência entre amar e odiar. A tarefa de convivência exigida do ser humano não escaparia a este conflito. Na medida em que a cultura, obedecendo ao impulso erótico interior, ordena a todos a se unirem em massa, depende de um crescente reforço do sentimento de culpa para alcançar esta meta. Por esta razão, o sentimento de culpa é apresentado como o problema capital do desenvolvimento da cultura e de seu progresso, mas igualmente responsável pelo “mal-estar” da civilização. Ricoeur (1977[1965]), *op. cit.*
- <sup>22</sup> S. Freud, *O Por que a Guerra?* (1933[1932]), AE XXII, 1989.
- <sup>23</sup> S. Freud, *Moisés e a Religião Monoteísta* (1939[1934-38]), AE XXIII, 1989.
- <sup>24</sup> Jones afirma que *Moisés e a Religião Monoteísta* culmina na fórmula segundo a qual a religião deve sua força não a qualquer verdade literal, mas a verdade histórica que traz em seu bojo. E. Jones, *Vida e Obra de Sigmund Freud* [1961], Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.
- <sup>25</sup> S. Freud, *Conferências de Introdução à Psicanálise* (1917), AE XVI e XVII, 1989, p. 354. Em sua autobiografia, o autor afirma algo muito semelhante: “É preciso recordar que a psicanálise com a interpretação dos sonhos ultrapassou as fronteiras de uma disciplina puramente médica. Entre sua aparição na Alemanha e, agora, na França, estendem-se suas múltiplas aplicações aos campos da literatura e a ciência da arte, a história da religião e a pré-história, a mitologia, o folclore, a pedagogia, etc. Tudo isso tem pouco a ver com a medicina; mais ainda, só a mediação da psicanálise as conecta com ela”. S. Freud, *Apresentação Autobiográfica* (1925), AE XX, 1989, p. 59.
- <sup>26</sup> S. Freud (1925), *op. cit.*, p. 68.
- <sup>27</sup> De acordo com Laplanche e Pontalis (1988[1967]), metapsicologia corresponde ao “termo criado por Freud para designar a psicologia por ele fundada, considerada na sua dimensão mais teórica”. p. 361. Esta elabora um conjunto de modelos conceituais mais ou menos distantes da experiência, como a ficção de um aparelho psíquico que é dividido em instâncias – tomando em consideração os pontos de vista dinâmico, tópico e econômico –, a teoria das pulsões, a idéia de recalque, etc.

- <sup>28</sup> A descrição da escala de Waelder encontra-se em *Escrever a Clínica*, de Renato Mezan. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- <sup>29</sup> O. F. Gabbi Jr., Notas sobre a relação entre cultura e metapsicologia. In: *Tempo Psicanalítico: Psicanálise e Cultura*, n. 29. Rio de Janeiro: Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, 1997.
- <sup>30</sup> Ricoeur (1977[1965]) afirma: “Criação e prazer estético, ideais da vida moral, ilusões da esfera religiosa, só figurarão como elementos do balanço econômico da pulsão, como custo em prazer-desprazer. Não falaremos nem podemos falar deles senão em termos de investimentos, de desinvestimentos, de superinvestimentos, de contra-investimentos, segundo a combinatória econômica esboçada acima”. Ricoeur (1977[1965]), *op. cit.*, p. 130.
- <sup>31</sup> Ricoeur (1977[1965]), *op. cit.*, p. 132.
- <sup>32</sup> *Freud e a sociedade* (1988), de Gabriel, aborda a interpretação freudiana da cultura com base nas mesmas premissas de Ricoeur. Os fenômenos culturais são examinados partindo dos pontos de vista dinâmico, econômico e tópico. Na discussão dinâmica, a atenção recai sobre o grau que a cultura restringe o prazer individual, as maneiras de proteger o indivíduo do desprazer e as formas pelas quais se transforma em fonte de prazer e de culpa. Os sentidos ligados ao estudo do relacionamento indivíduo-sociedade são priorizados na investigação de Gabriel. A discussão econômica dos textos freudianos tem como eixo de análise os mecanismos pelos quais as energias psíquicas são redirecionadas pela cultura. Três pontos são destacados: a natureza dos vínculos sociais, os obstáculos à formação dos vínculos e os custos dos vínculos aos indivíduos. Já na discussão tópica da cultura – que serve de fundamento para as duas discussões anteriores – a cada instância psíquica, id, ego e superego é atribuído um aspecto da relação ambivalente do indivíduo com a cultura. Cada instância representaria um traço desta relação: “O id com sua contestação cega de toda e qualquer consideração externa; o superego com sua subordinação submissa e acrítica à lei externa; e o ego com sua ânsia compulsiva de domínio da exterioridade”. Y. Gabriel, *Freud e a Sociedade*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p. 189.
- <sup>33</sup> O processo de constituição dos conceitos freudianos não é apenas filosófico, diz Mezan: “Na elaboração da teoria a dimensão clínica entra em consonância com a dimensão auto-analítica e se sustenta por uma constante referência à dimensão cultural. Cada uma dessas dimensões formando o ponto de partida ou momentos determinantes do processo que engendra os conceitos”. Mezan (1997[1985]), *op. cit.*, p. 141.
- <sup>34</sup> Mezan (1997[1985]), *op. cit.*, p. 19.
- <sup>35</sup> O. F. Gabbi Jr., A origem da moral em psicanálise. In: *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, Série 3, 1 (2): 129-168, jul-dez. Campinas: Centro de

Lógica Epistemologia e História da Ciência, 1991, p. 130. Gabbi Jr. (1991) retoma o seguinte trecho de uma carta de Freud para Jung para ilustrar o raciocínio de que a análise da cultura contribuiu para a resolução de problemas teóricos. Na carta de 25/12/1909, Freud escreve: "Tornou-se bastante claro para mim que não resolveremos os segredos últimos da neurose e da psicose sem mitologia e história da civilização". Freud *apud* Gabbi Jr. (1991), *op. cit.*, p. 129.

<sup>36</sup> Gabbi Jr. (1991), *op. cit.*, p. 130. Em *Freud, Pensador da Cultura*, Mezan (1985[1997]) também admite a idéia de que *Totem e Tabu* vincula o Complexo de Édipo não somente nas fantasias dos neuróticos, mas na origem da civilização, fundamentando mais fortemente a afirmação de sua universalidade.

<sup>37</sup> Lembrando que a divisão em dois eixos serve para facilitar a compreensão do domínio específico no qual este projeto está inserido.

<sup>38</sup> Mezan (1985[1997]), *op. cit.*, p. 322.

<sup>39</sup> Mezan (1997[1985]), *op. cit.*, p. 433.

## Referências

FREUD, S. *Obras Completas*, Amorrortu Editores, Buenos Aires, 1989:

- vol. I: *Projeto de uma Psicologia Científica* (1950[1895]), *Estudos sobre a histeria* (1893-95).
- vol. IX: *Atos Obsessivos e Práticas Religiosas* (1908). *A Moral Sexual Civilizada e o Nervosismo Moderno* (1908).
- vol. XIII: *Totem e Tabu* (1913[1912-13]).
- vol. XIV: *Considerações de Atualidade sobre a Guerra e a Morte* (1915).
- vols. XVI e XVII: *Conferências de Introdução à Psicanálise* (1917).
- vol. XVIII: *Psicologia das Massas e Análise do Ego* (1921).
- vol. XX: *Apresentação Autobiográfica* (1925).
- vol. XXI: *Futuro de uma Ilusão* (1927). *Mal-Estar na Civilização* (1930[1929]).
- vol. XXII: *O Por que a Guerra?* (1933[1932]).
- vol. XXIII: *Moisés e a Religião Monoteísta* (1939[1934-38]).



GABBI, O. F. Jr. Notas sobre a Relação entre Cultura e Metapsicologia. In: *Tempo Psicanalítico*, 29. Rio de Janeiro: Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, 1997.

\_\_\_\_\_. A Origem da Moral em Psicanálise. In: *Cadernos de História de Filosofia das Ciências*, 3, 1(2), jul-dez. Campinas: Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, 1991.

GABRIEL, Y. *Freud e a Sociedade*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

GAY, P. *Freud: uma Vida para Nosso Tempo* [1988]. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JONES, E. *Vida e Obra de Sigmund Freud* [1979]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1961.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise* [1967]. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

MARCUSE, H. *Eros e Civilização*, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

MEZAN, R. *Freud, Pensador da Cultura* [1985]. São Paulo: Brasiliense, 1997.

\_\_\_\_\_. *Escrever a Clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

RICOEUR, P. (1965). *Da Interpretação: ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

ROUDINESCO, E. e PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.